

O índio despido: a identidade brasileira no romance português A Virgem Guaraciaba (1866)

David Patrick Tavares Belo (UFPA/PPGL)¹

Pinheiro Chagas: romance e crítica

Durante a segunda metade do século XIX, Manuel Pinheiro Chagas (1842 – 1895) esteve envolvido nos principais assuntos de sua época, relacionados à política, ao teatro, à historiografia, à crítica literária, entre outros. O autor, nascido em Lisboa, foi um dos principais críticos da literatura brasileira em solo lusitano, ao traçar comentários severos voltados à identidade literária da ex-colônia. Por meio de sua crítica ácida, percebe-se nele um ímpeto de transformar o que estava sendo escrito no Brasil em algo que ele julgava mais autêntico, que pudesse alcançar outros continentes, além dos países de língua portuguesa, de acordo com os seus próprios parâmetros.

Isso posto, é interessante também ressaltar o que Pinheiro Chagas criticava na literatura brasileira, para entendermos o seu ponto de vista. Sabe-se que o crítico português foi um dos principais autores a se empenhar na análise e divulgação da cultura da ex-colônia em Portugal no último quartel do Oitocentos. Com isso, por meio do estudo de fontes primárias, foi possível identificar o interesse de Chagas sobre o que era escrito e apresentado no Brasil.

Em 1866, no *Anuário do Arquivo Pitoresco*, um dos primeiros textos sobre a literatura da ex-colônia escrito pelo autor português, identificamos uma breve citação sobre José de Alencar. Na ocasião, o pequeno trecho versava sobre *Iracema* (1865): “Iracema é uma lenda do Ceará, dos tempos da descoberta, e revela uma tendência louvável para dar autonomia à literatura brasileira” (Chagas, 1866, p. 198). Nesse primeiro texto, percebe-se que, para o crítico, o Brasil ainda não possuía uma literatura autêntica.

No entanto, um de seus textos mais polêmicos e incisivos foi o artigo publicado no livro *Novos Ensaios Críticos*, de 1867, intitulado *Literatura brasileira - José d'Alencar: Iracema, lenda do Ceará*, no qual Chagas volta a reafirmar que o Brasil não possuía uma literatura autêntica e que, para alcançar tal objetivo, era preciso seguir alguns padrões, que o próprio autor propôs, como: “proclamar-se filhas adotivas, mas filhas ternas e amantes das florestas do Novo Mundo, e aceitar as tradições dos primeiros povoadores” (Chagas, 1867, p. 215). A partir dessa ideia, Pinheiro Chagas afirma que, no propósito de o Brasil possuir tal autenti-

¹ Graduação em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pará (UFPA) e Mestrando em Estudos Literários no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) pela UFPA. E-mail: dbelo76@gmail.com

cidade literária, era imprescindível focar em suas narrativas a cor local. A obra que mais se aproxima desse ideal, para Chagas, seria *Iracema* (1865), de José de Alencar. Porém, ainda no mesmo texto, segundo o autor português, José de Alencar “corrompia” a “língua de Camões” com a sua linguagem abasileirada.

Em 1866, Manuel Pinheiro Chagas lançava o seu primeiro romance histórico *A Virgem Guaraciaba* que viria integrar a série *Crônicas Brasileiras* ao lado do romance *A Conspiração de Pernambuco*, que foi publicado em 1870 em formato de folhetim na Gazeta Literária do Porto², com publicações semanais. O periódico tinha como redator o escritor Camilo Castelo Branco. Ao iniciar o seu romance, Pinheiro Chagas faz um parâmetro histórico sobre a “descoberta” do Brasil citando diversas personalidades envolvidas no processo de colonização dos portugueses no lado de cá do Atlântico. Dentre os citados, temos Pedro Álvares de Cabral, Cristóvão Jacques, João de Barros, Francisco Pereira Coutinho, Tomé de Sousa, Santo Inácio de Loiola, entre outros.

Neste primeiro capítulo, intitulado “Notícias Preliminares”, o autor português afirma que procurou “prestar justiça ao merecimento desses homens que tanto ódio inspiraram” e alega desejar ao mesmo tempo que o leitor não perca de vista a “índole da sociedade, e a frieza com que removia os mais ligeiros obstáculos, que tentassem opor-se-lhe” (Chagas, 2012, p. 08). O autor fala também sobre a missão da Companhia de Jesus que era “atuar sobre o espírito humano tomando-lhe em tudo a frente, e dirigindo-o depois pelo caminho que devia conduzir essa enérgica sociedade ao predomínio absoluto” (Chagas, 2012, p. 06). O romancista ambienta a sua obra em um espaço-tempo pouco depois da fundação de Salvador na Bahia.

Pinheiro Chagas, no entanto, não considerava ser o principal responsável pela contribuição ao gênero romance tanto no Brasil quanto em Portugal; para ele, o autor de *Calabar, história brasileira do século XVII* (1863), Mendes Leal, foi quem doou à literatura brasileira e portuguesa o esplêndido livro que narra histórias brasileiras no século XVII. Nesse sentido, Maria Aparecida Ribeiro afirma:

Se os objetivos poderiam ser da autoria tanto de um escritor português como de um brasileiro, o facto de citar Mendes Leal reafirma as palavras deste quando dizia que ninguém perguntara a Gutemberg qual era a sua pátria. Por outro lado, secundarizando-o, Chagas mostrava crer que um português, no caso, ele próprio, pudesse criar naqueles termos e com aquele ponto de vista, uma obra incorporável à literatura brasileira (Ribeiro, 2009, p. 77-78).

² Apesar das publicações serem semanais, apenas o primeiro número do periódico incluiu a data, que era 6 de janeiro de 1868. De acordo com informações presentes na Biblioteca Nacional de Portugal (BLN), por meio da Hemeroteca de Portugal, a coleção é constituída por dezesseis números, impressos na “Typographia da Livraria de A. de Moraes & Pinto, rua do Almada n.º 171, Porto”.

Para Maria Aparecida Ribeiro (2009), essa afirmação de Chagas sugere um espaço de magistério, que supostamente era ocupado por Mendes Leal, a respeito do romance brasileiro. Contudo, ao que parece, quem ocupou esse espaço de magistério foi o autor brasileiro José de Alencar, pois de acordo com a pesquisadora, a obra *A Virgem Guaraciaba* possui diversos diálogos com os romances alencarianos, principalmente quando comparado a *O Guarani* (1857) e *Iracema* (1865), mostrando que Pinheiro Chagas utilizou muitas das fontes que o autor brasileiro empregou em seus romances.

A partir da leitura de algumas cenas do romance de Chagas, logo se percebe o rumo que indica em sua prosa. Trata-se de incluir aqui e ali referências geográficas conhecidas, como Salvador, Pernambuco, Monte Nossa Senhora da Ajuda, assim como momentos históricos, tais quais as guerras e a chegada de portugueses ao nordeste brasileiro. Além disso, o autor demonstra o tempo inteiro estar sob o céu brasileiro ao incluir em sua narrativa exemplos de elementos locais: pimenta, baunilha, jabuticabeira, bromélias, entre outras referências, mesmo com falhas em algumas descrições.

Vale ressaltar que Pinheiro Chagas nunca esteve no Brasil³ e, em muitos momentos de sua narrativa, notamos uma exuberância exacerbada. Nesse aspecto, a pesquisadora Maria Aparecida Ribeiro (2009) demonstra que essas descrições se tratam da visão de um viajante deslumbrado e impossibilitado de fazer apresentações mais precisas do ambiente. Pinheiro Chagas, além de apresentar descrições inexatas sobre a flora, não reproduz uma floresta virgem americana de forma natural, como acontece nos romances de José de Alencar.

Diante de tal característica, Ribeiro (2009) argumenta em sua pesquisa que Pinheiro Chagas não exibiu nada além de “notícias de segunda mão” (Ribeiro, 2009, p. 80), ou seja, para compor o romance *A Virgem Guaraciaba*, o romancista português lançou mão de dados, fontes e informações presentes em outras obras, como os romances brasileiros de José de Alencar e diários de viagens.

Sobre o paisagismo utilizado no século XIX por romancistas, Flora Süssekind (1990), em seu excelente estudo *O Brasil Não é Longe Daqui*, vai chamar de “alegoria da natureza” essa busca por uma “fundação de uma imagem original” da literatura, sobretudo a brasileira. Süssekind (1990) argumenta que é “difícil olhar para a paisagem brasileira real, [...] quando o ponto de vista a ser adotado para fitá-la é pré-dado” e afirma ainda que os autores utilizavam em demasia as descrições de viajantes e acabavam “por tomar algo além dos desenhos de vistas e das visões às vezes paradisíacas” (Süssekind, 1990, p. 32-33). Essas visões, segundo a

³ No periódico *O Brasil*, Pinheiro Chagas escreveu o artigo *bibliografia brasileira*, em 1873, afirmando que nunca esteve no Brasil, apesar de muitos deduzirem que ele esteve nas terras americanas por ter escrito *A Virgem Guaraciaba*.

autora, pareciam mais *miragem* do que *paisagem*, devido à alegorização dos elementos narrativos brasileiros.

Contudo, o estilo empregado por Pinheiro Chagas em seu romance brasileiro *A Virgem Guaraciaba* parecia seguir um padrão político e social da época. Os portugueses tinham o Brasil como um lugar historicamente cheio de riquezas exuberantes, o que refletia na literatura de forma ávida e ambiciosa. No artigo *A Nacionalização das Letras da América Portuguesa Durante o Romantismo*, do pesquisador Marcello Moreira (2010)⁴, discorre sobre a *literatura* e o *local*, contrapondo a ideia defendida por Antônio Cândido⁵ a respeito da “transfiguração da realidade” ao utilizar de hipérbole para descrever as novidades e as grandezas das terras virgens americanas. Para o pesquisador Marcello Moreira, a escrita de alguns autores portugueses acerca do Brasil, e até mesmo de autores brasileiros, não se tratava de uma transfiguração da realidade, mas, sim, obedecia a pontos de vistas relacionados à ideia de pertencimento:

Prescrições retóricas que tinham como finalidade não somente pintar o que era visto, mas também, e principalmente, pintá-lo de um modo que o tornasse encômio ao Império Português, já que o recurso à *exaggeratio* quando da produção da *descriptio* visava a exaltar o poderio português ao apresentar a incomensurável riqueza de suas possessões (Moreira, 2010, p. 521).

O intuito, então, da utilização desse recurso narrativo empregado por Pinheiro Chagas denotava função política, que transportava o Brasil para um período em que ainda era colônia de Portugal e tinha as suas riquezas exploradas, o que justifica a pintura das imagens da floresta americana de forma imaginosa e bastante descritiva pelo autor português em sua obra.

Diante disso, vale frisar que o estudo do romance histórico *A Virgem Guaraciaba*, de Pinheiro Chagas, evidencia um autor experiente, no que diz respeito à utilização da escrita culta da língua portuguesa padrão; e, em relação aos elementos narrativos de seu romance de estreia, percebe-se um autor que busca informações em obras como *Iracema* e *O Guarani* para escrever a sua síntese histórica a respeito dos índios e da floresta virgem americana.

Nesse sentido, Manuel Pinheiro Chagas, mesmo tecendo críticas severas aos romances alencarianos, encontra em José de Alencar os elementos narrativos que ele julga serem necessários para a criação de uma identidade nacional no romance histórico de temática tropical e os utiliza em sua própria obra.

Os estudos dos textos de Manuel Pinheiro Chagas nos levam a compreender a sua visão não apenas sobre o que deveria ser um romance histórico, mas também o que, a seu ver, pu-

⁴ Presente no livro *Impresso no Brasil: Dois Séculos de Livros Brasileiros* (2010).

⁵ CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira*. 7. ed. Belo Horizonte-Rio de Janeiro: Editora Itatiaia, 1993.

desse proclamar a independência literária de uma nação. Infelizmente, há poucos estudos críticos sobre este autor, assim como é escassa a quantidade de trabalhos sobre a obra *A Virgem Guaraciaba*. Tanto a crítica como o romance de estreia de Chagas levantam discussões consideráveis sobre a conceituação de cor local. Além disso, os estudos desses elementos – crítica e romance – abrangem também debates sobre os contornos da identidade literária brasileira na segunda metade do século XIX, tema que foi exaustivamente discutido por autores brasileiros e lusitanos.

De acordo com os estudos de Afrânio Coutinho (2014), nos seus ensaios presentes em *Conceito de Literatura Brasileira*, na fase colonial não se separava a literatura brasileira da portuguesa, ou seja, eram consideradas uma só⁶, sendo “patrimônio de uma cultura comum vazada numa mesma língua” (Coutinho, 2014, p. 14). No século XIX, ao analisar fontes primárias, é possível identificar autores que defendiam esse conceito, como José da Gama e Castro.

Para este literato, quando escreveu para o *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro, em 1842, mesmo o Brasil sendo independente, não existia na ex-colônia uma literatura emancipada de Portugal. De acordo com o autor, usar a expressão “literatura brasileira” não passa de *hábito* ou *vício* resultantes de excesso de patriotismo. Ele ainda acentuava mais este discurso: “a verdade é que, em todo o rigor da palavra, literatura brasileira é uma entidade que não só não tem existência real, mas que até não pode ter existência possível”. Além disso, na reafirmação de um conceito colonial, Gama e Castro assegura que “a literatura não toma o nome da terra e sim da língua” (Castro, 1842, p. 01).

O estudo dessas apreciações contribui para um levantamento mais preciso sobre o conceito de literatura: Brasil *versus* Portugal, pois autores portugueses, como José da Silva Mendes Leal (1818 – 1886) e Manuel Pinheiro Chagas, foram responsáveis por escrever romances intitulados *brasileiros* com temática tropical, promovendo uma discussão mais ampla sobre quais seriam os componentes diferenciadores da literatura brasileira.

Antônio Henriques Leal⁷ (1828 – 1885), escritor brasileiro natural do Maranhão, teceu críticas sobre a literatura brasileira, defendendo alguns ideais coloniais. Em 1874, o autor maranhense publicou o livro *Locubrações (sciencias e letras)*, e no artigo *Questão Philologica* criticou severamente a maneira como o romance *Iracema*, de José de Alencar, foi escrito. Para ele, era falsa a doutrina empregada pelo autor de *O Guarani*, que dizia que a língua do Brasil

⁶ Segundo o pesquisador, tudo o que era feito em língua portuguesa era considerado português. Eram os chamados “clássicos” luso-brasileiros (Coutinho, 2014, p. 13 - 14).

⁷ Antônio Henriques Leal foi médico, escritor e político brasileiro.

era diferente da de Portugal, e não concordava com a ideia de transformá-la para, assim, se tornar independente da portuguesa.

Sem termos os conhecimentos indispensáveis e muita lição dos bons clássicos portugueses, que pois somos descendentes de Portugal e falamos a mesma língua, é loucura tentar emprezas taes, que só servem para o descredito de quem o faz (Leal, 1874, p. 242).

O autor maranhense defendia, então, um ideal português que igualmente era assegurado por Pinheiro Chagas em suas críticas, evidenciando uma mentalidade ainda subordinada a Portugal.

Por conseguinte, percebemos uma pequena parcela de intelectuais do século XIX – tanto brasileiros quanto portugueses – que se colocavam contra o “*movimento de diferenciação*”⁸, como era chamado por Araripe Júnior, da literatura brasileira. O levantamento dessas fontes primárias a respeito da discussão sobre a identidade da literatura brasileira é essencial, a fim de contribuir para um estudo mais profundo acerca de autores como Pinheiro Chagas que, sendo português, escreveu romances que ele classificava como *brasileiros*. A verificação desses conceitos é primordial para a ilustração da visão lusitana sobre a cultura intelectual no Brasil, pois o uso da arte pode ser realizado como “serviço de propaganda”, além de ser um instrumento de “expansão e domínio político de um povo ou raça”⁹.

Por se tratar de um romance histórico, *A Virgem Guaraciaba* é uma obra que resgata o período colonial, época em que Portugal detinha grande poder nas terras recém-descobertas da América. Ela apresenta elementos fictícios, momentos históricos reais, bem como personagens históricos, a exemplo do Padre Aspilcueta Navarro, Padre Nóbrega, Duarte Coelho, entre outros.

De acordo com Fidelino de Figueiredo em *História Literária de Portugal: Séculos XII–XX* (1960), o romantismo português surgiu após as grandes transformações políticas e sociais em meados do século XIX, como a Revolução Francesa, o desenvolvimento da crítica filosófica e o “esgotamento da estética clássica” (Figueiredo, 1960, p. 345), que refletiu na mudança do gosto literário, principalmente após a ascensão da burguesia ao poder e o seu regime liberal. No período denominado de “pré-romântico” por Fidelino Figueiredo, uma das obras mais apreciadas era a de Teodoro de Almeida, *O Feliz Independente do Mundo e da Fortuna* (1786), que o pesquisador caracteriza como uma obra “acentuadamente romântica”, no que diz respeito à narrativa, e uma “melancolia inquietante” (Figueiredo, 1960, p. 346) ao descrever o protagonista da obra. O romance de Teodoro de Almeida foi muito lido, obteve edições sucessivas e foi traduzido para o espanhol e francês. Todavia, Alexandre Herculano surge

⁸ (apud Coutinho, 2014, p. 39)

⁹ (Coutinho, 2014, p. 36)

com o romance histórico em solo lusitano, ao lançar *A História de Portugal* (1846)¹⁰, contribuindo para o que Fidelino de Figueiredo chama de “reforma romântica”. A partir de então, História e Literatura começam a trilhar uma jornada de ascensão.

Luciano Cordeiro, em *Livro de Crítica – Arte e Literatura Portuguesa D’Hoje* (1868 – 1869), pondera que Alexandre Herculano é o principal autor português a introduzir o romance histórico em terras portuguesas, apontando a obra de Almeida Garrett *Arco de Sant’Anna* (1845 - 1850)¹¹ como sendo um experimento do gênero, em que o autor de *Viagens a Minha Terra* “não foi feliz no ensaio”, e afirma que faltou mais estudo da história por parte de Garrett, o que o impossibilitou de se aprofundar e caracterizar melhor o seu romance com o fito na reconstrução e idealização histórica, característica essa atribuída por Cordeiro a Herculano, afirmando ser ele “o homem que mais salientemente se depara na multidão dos que cultivam romance histórico, no moderno movimento literário da nossa terra” (Cordeiro, 1869, p. 216).

No entanto, vale ressaltar também a importância de Almeida Garrett na constituição do romance histórico em língua portuguesa ao utilizar História e Literatura, pois em 1825 o autor dava sinais da associação desses dois elementos ao lançar o poema *Camões*, uma vez que, de acordo com Figueiredo:

O tema do poema reformador é a vida de Camões e a composição dos Lusíadas, em que mostra o intuito nacionalista do romantismo; este amplia-se em Dona Branca, no qual a conquista do Algarve se torna motivo central. É por Dona Branca que a História entra nos âmbitos Literários. (Figueiredo, 1960, p. 350).

Com base, então, nessa afirmativa, Almeida Garrett dá os primeiros passos na reforma romântica ao dialogar com as ideias de historicismo e romantismo que estavam em voga na Europa durante o século XIX.

Considerando pesquisas de teóricos que mais se empenharam para o entendimento da literatura em relação à história, elencamos o trabalho do filósofo húngaro György Lukács (1885-1971), publicado em 1947, intitulado *O Romance Histórico*¹². Nesta obra, o autor objetiva compreender a influência mútua da história e da literatura no aspecto específico do romance histórico, como é apresentado no início da obra:

Este trabalho pretende mostrar como a gênese e o desenvolvimento, a ascensão e o declínio do romance histórico são consequências necessárias das grandes convulsões sociais dos tempos modernos, e provar que seus diferentes problemas formais são reflexo dessas convulsões histórico-sociais. (Lukács, 2011, p. 31).

¹⁰ A obra completa conta com oito livros publicados entre os anos de 1846 e 1853.

¹¹ *Arco de Sant’Anna* é um romance histórico de Almeida Garrett publicado em dois volumes, reproduzidos respectivamente nos anos de 1845 e 1850.

¹² A versão que utilizamos neste trabalho é a de 2011, lançada pela editora Boitempo, que conta com a tradução de Rubens Enderle.

De acordo com Weinhardt (1994), não cabe ao romance histórico o papel de “repetir o relato dos grandes acontecimentos”, no entanto o gênero dedica-se a “ressuscitar poeticamente os seres humanos que viveram essa experiência” (Weinhardt, 1994, p. 51), ou seja, um fato histórico em uma narrativa fictícia relacionando-se intrinsecamente com o real ao descrever o tempo, espaço e seres ficcionais que interagem dentro da história. O mesmo ponto de vista foi defendido por Lukács, ao acentuar que “o que importa para o romance histórico é *evidenciar*, por meios *ficcionais*, a existência, o ser-precisamente-assim das circunstâncias e das personagens históricas” (Lukács, 2011, p.62). Nesse sentido, o romance histórico une o fictício ao real, trazendo acontecimentos históricos apresentados em uma narrativa que reflete o passado de forma figurada.

Contudo, quando voltamos a análise para o intuito social do gênero, notamos que a ideia de apresentar uma narrativa do passado evidencia as múltiplas correlações do autor com a narrativa à qual ele veicula. Conforme Weinhardt (1994), o romance histórico deve “fazer com que o leitor apreenda as razões sociais e humanas que fizeram com que os homens daquele tempo e daquele espaço pensassem, sentissem e agissem da forma como o fizeram” (Weinhardt, 1994, p. 51), sendo a compreensão do passado histórico e o tempo presente um dos pontos cruciais da característica deste gênero.

Entretanto, qual a importância dessa conceituação? É primeiramente necessário o entendimento da construção do romance histórico e seus protagonistas, pois, em Portugal, Manuel Pinheiro Chagas era um dos defensores do gênero. Jane Adriane Gandra afirma, em sua tese de doutorado, que o autor de *A Virgem de Guaraciaba* é apresentado por grande parte da história literária como sendo um “escritor melodramático que se utilizava do pretexto histórico para vangloriar o áureo passado português” (Gandra, 2012 p. 72), e esses ideais podem ter sido os principais motivos que levaram a obra romanesca de Pinheiro Chagas ao desmerecimento por grande parte da elite burguesa literária, relegando-o ao esquecimento.

É relevante destacar características próprias ao romance histórico e alguns aspectos definidos através da visão de Pinheiro Chagas (como autor português) e de José de Alencar (como autor brasileiro), pois para compreender o envolvimento do autor português com a literatura brasileira, é preciso levar em conta, além de fatores políticos nos dois lados do Atlântico, o enlace entre história e literatura. A relação entre esses dois elementos, por mais produtiva que possa ser, foi motivo de muitas discussões e uma longa disputa entre autores, críticos literários e representantes da história nas duas nações.

Ao estudar o romance *A Virgem Guaraciaba*, de Pinheiro Chagas, nota-se o estreitamento político e social que Portugal ainda tentava impor sobre a ex-colônia na segunda meta-

de do século XIX. Portanto, ao eleger tal obra para análise e debate, importa-nos averiguar o propósito da utilização de elementos narrativos brasileiros, como personagens, tempo, espaço, entre outros, na construção da narrativa fictícia e histórica desta obra; além de identificar como a visão apresentada neste romance é inserida por Pinheiro Chagas no contexto do século XIX.

Dessa maneira, Chagas elabora um romance histórico em que apresenta um panorama sobre uma sociedade refém de uma religião política que pratica os mesmos atos de grupos que eles condenam. Vale lembrar também o distanciamento do autor em relação ao que foi vivido pelos seus personagens portugueses na ex-colônia, quando são apresentados costumes e crenças indígenas. Pinheiro Chagas, valendo-se de dados e informações lidas e colhidas em outras obras e fontes, a fim de descrever uma outra cultura, novas paisagens e seus habitantes, peca ao tentar incorporar a sua obra costumes e uma suposta identidade nacional que ele não tinha domínio satisfatório.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, José de. **Iracema: Lenda do Ceará**. 3ª ed. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2006.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 53ª ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2021.

CASTRO, José da Gama e. **Correspondência: Satisfação a Hum Escrupuloso**. In.: *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro. 29 de janeiro de 1842. Disponível em: < http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=364568_03&pagfis=2853 > acesso em: 24 de dezembro de 2021.

CHAGAS, M. Pinheiro. **Bibliografia Brasileira**. In: *O Brasil*. 3º ano, número 69. Lisboa, edição de 25 de março de 1873.

CHAGAS, M. Pinheiro. **Letras e Artes**. In: *Anuário do Arquivo Pitoresco*. Lisboa: Tipografia de Castro e Irmão, janeiro de 1866, n. 25, p. 196-198.

CHAGAS, M. Pinheiro. **Novos ensaios críticos**. Porto: Viúva Moré – Editora, 1867.

CHAGAS, M. Pinheiro. **A Virgem Guaraciaba**. Edições Digitais, 2012. E-book Kindle.

CHAVES, Castelo Branco. **O Romance Histórico No Romantismo Português**. Vol. 45. Instituto de Cultura Portuguesa, Ministério da Cultura e da Ciência, Secretaria de Estado da Cultura, 1979.

CORDEIRO, Luciano. **Livro de Crítica – Arte e Literatura Portuguesa D’Hoje**. Porto: Typographia Lusitana, 1868-1869.

COUTINHO, Afrânio. **Conceito de Literatura Brasileira**. 4ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2014.

GANDRA, Jane Adriane. **O Ajuste de Contas na Ficção: Pinheiro Chagas Retrato por Eça De Queirós**. Via Litterae (ISSN 2176-6800): Revista de Linguística e Teoria Literária. Goiás - Universidade Estadual de Goiás, 2017, v. 8, n. 2, p. 373-380.

GANDRA, Jane Adriane. **Pinheiro Chagas, A Versatilidade do Cronista na Revista da Semana**. Revista Araticum. Goiás - Universidade Estadual de Goiás, 2015, v. 11, n. 1.

GANDRA, Jane Adriane. **Pinheiro Chagas, Um Escritor Olvidado**. Tese de Doutorado. São Paulo – Universidade de São Paulo, 2012.

GANDRA, Jane Adriane. **A (de) formação da imagem: Pinheiro Chagas refletido pelo monóculo de Eça de Queirós**. Dissertação de Mestrado. São Paulo - Universidade de São Paulo, 2007.

LEAL, Antônio Henriques. **A Literatura Brasileira Contemporânea**. In: LEAL, A. H. Locuções. Lisboa: Livraria Popular de Magalhães & Cia, 1874. p.214-215.

LUKÁCS, Georg. **Teoria do romance**. Tradução: José Marcos Mariani de Macedo. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

LUKÁCS, György. **O romance histórico**. Tradução: Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011.

MARCONI, Marina de A.; LAKATOS, Eva M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MOREIRA, Marcello. **A Nacionalização das Letras da América Portuguesa Durante o Romantismo**. In: BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia (org). Impresso no Brasil: Dois Séculos de Livros Brasileiros. Editora Unesp, 2010, p. 519-533.

RIBEIRO, Maria A. **O Saí e a Serpente: Diálogos entre José de Alencar e Pinheiro Chagas**. In: Rev. de Letras. Coimbra – Vol. 1/ Nº 29 (2), p. 75-82 – jan./jun. – 2009.

SÜSSEKIND, Flora. **O Brasil Não É Longe Daqui: O Narrador, A Viagem**. São Paulo, Cia. das Letras, 1990.

WATT, Ian. **A Ascensão Do Romance: Estudos Sobre Defoe, Richardson e Fielding**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

WEINHART, Marilene. **Considerações sobre O Romance Histórico**. Revista de Letras, Curitiba, n.43, 1994.